

## Livro rebate clichê de que Portugal é imune a radicalismos do resto da Europa

Em novo livro, Bernardo Pires de Lima alerta para 'homens fortes' que dominaram política e esmagaram instituições

19.dez.2020 às 12h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/12/20/>)

**Mathias Alencastro**

**SÃO PAULO** Bernardo Pires de Lima escreveu “Portugal na Era dos Homens Fortes - Democracia e Autoritarismo em Tempos de Covid” a partir de uma posição privilegiada: em meados de 2020, Portugal ainda era estudado como um caso de sucesso (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/exemplo-europeu-portugal-sofre-pressao-para-relaxar-isolamento.shtml>) no combate à pandemia e a extrema direita resumia-se à atuação sonora mas minoritária de André Ventura, o deputado eleito pelo Chega em 2019 (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/direita-nacionalista-com-discurso-antissistema-avanca-em-portugal.shtml>).

Mas o autor, um dos mais renomados analistas de política e relações internacionais do país, já se mostrava pouco à vontade com o clichê de que Portugal é uma terra de costumes brandos, parcialmente imune aos radicalismos do resto da Europa. O seu estudo de Donald Trump (<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/donald-trump/>), Vladimir Putin (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/se-a-russia-quisesse-matar-navalni-teria-acabado-o-servico-diz-putin.shtml>) e todos os “homens fortes” que dominaram a política e esmagaram as instituições lê-se como um alerta e um apelo para Portugal sair da zona de conforto enquanto há tempo.

Globalista ferrenho, Pires de Lima reconhece que a crise financeira de 2008 obrigou Portugal a ser “menos envergonhado”. Remando contra a maré numa Europa cada vez mais desconfiada do estrangeiro, o país modernizou-se de baixo para cima, movido por uma nova geração assumidamente europeísta e pouco condicionada pelos fantasmas salazaristas do passado.



O deputado André Ventura, líder do partido da direita radical Chega, no Parlamento em Lisboa - Patricia de Melo Moreira - 9.jan.2020/AFP

O autor, realista, reconhece os limites desse processo, ao destacar o paradoxo de um país que coloca os seus no topo do mundo, começando por António Guterres no secretariado-geral da ONU (<https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2020/03/juntos-venceremos-o-virus.shtml>), mas parece incapaz de se posicionar em temas universais como o aquecimento global.

À imagem de muitos portugueses, Pires de Lima olha com espanto para a figura anti-iluminista de Jair Bolsonaro (<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/12/bolsonaro-volta-a-defender-cloroquina-e-diz-que-ninguem-pode-obrigar-aplicacao-da-vacina-contr-covid.shtml>), uma afronta ao ideal civilizatório que Portugal e Brasil estavam determinados em perseguir na era democrática.

Para o leitor brasileiro, o livro se revela de especial importância, não apenas porque é urgente repensar as relações bilaterais, mas também porque Portugal assumirá, por seis meses, a presidência do Conselho da União Europeia a partir de janeiro. Lisboa é uma das poucas portas abertas para o Brasil tentar reconstruir sua relação com Bruxelas (<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/uniao-europeia-quer-que-mercosul-assine-compromisso-com-metas-ambientais.shtml>).

Num mundo dominado por figurões e marcado pelo esvaziamento das instituições, Portugal, defende Pires de Lima, deve seguir uma estratégia maximalista, buscando atuar em todas as frentes simultaneamente.

Impossível não ver um paralelo entre a sua análise e os trabalhos do recém-falecido Eduardo Lourenço (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/morre-eduardo-lourenco-um-dos-maiores-ensaistas-de-portugal-aos-97-anos.shtml>), um dos maiores pensadores de Portugal no século 20 e um dos idealizadores da “hiper-identidade” portuguesa —a combinação de raízes históricas fortes e inabaláveis com a adaptabilidade máxima a novos contextos.

O livro é recheado de sugestões práticas, como a criação de um instituto independente de avaliação dos programas partidários para melhorar a credibilidade do processo eleitoral, ou a instituição de um cargo de Embaixador para Assuntos Climáticos.

Mas não é fácil estabelecer um roteiro para Portugal. No verão passado, o premiê António Costa (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/11/apos-tregua-no-inicio-da-pandemia-governo-portugues-enfrenta-protestos-e-queda-de-popularidade.shtml>) confiou a António Costa e

Silva, prestigiado executivo de uma petrolífera, a missão de pensar o país na era pós-Covid.

Os detalhes do plano acabaram perdidos no meio das notícias sobre a ressurgência da pandemia

(<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/09/com-alta-nos-casos-de-covid-portugal-anuncia-medidas-para-tentar-evitar-epi-que.shtml>) e os atrasos no plano para salvar as finanças da Europa. Desde o lançamento da zona do euro, na virada do século, Portugal enfrenta sucessivas crises como uma nau à deriva surpreendida pelo choque das ondas.

Depois de meia década de tempestades provocadas pela crise financeira de 2008, a nau parecia ter chegado a bom porto quando uma combinação de especulação imobiliária, terremotos geopolíticos e acrescido interesse de plutocratas lusófonos alçou o país à condição de padrão-ouro do turismo mundial.

Mas o sol, tal como o ouro ou o petróleo, é um recurso natural que enriquece e arruina. Hoje, os donos dos restaurantes que engordaram os turistas fazem greve de fome na porta do Parlamento, implorando por uma audiência com o primeiro-ministro.

Outrora citado como modelo de governabilidade, e até laboratório para a centro-esquerda tropical, Portugal vive um momento inédito de fragmentação partidária. A bagunça generalizada pode alçar André Ventura ao segundo turno

(<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/direita-nacionalista-com-discurso-antissistema-avanca-em-portugal.shtml>) das presidenciais de janeiro.

Bernardo Pires de Lima viu urgência em olhar para os “homens fortes” porque sabia que, mais cedo do que tarde, um deles iria desembarcar em Portugal.

---

PORTUGAL NA ERA DOS HOMENS FORTES - DEMOCRACIA E AUTORITARISMO EM TEMPOS DE COVID

**Preço** 13,90 euros (importado)

**Autor** Bernardo Pires de Lima

**Editora** Tinta-da-China

---

### sua assinatura vale muito

Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 120 colunistas. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?

ASSINE A FOLHA ([HTTPS://LOGIN.FOLHA.COM.BR/ASSINATURA/390510?UTM\\_SOURCE=MATERIA&UTM\\_MEDIUM=TEXTOFINAL&UTM\\_CAMPAIGN=ASSINETEXTOCURTO](https://login.folha.com.br/assinatura/390510?utm_source=MATERIA&utm_medium=TEXTOFINAL&utm_campaign=ASSINETEXTOCURTO))

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/livro-rebate-cliche-de-que-portugal-e-imune-a-radicalismos-do-resto-da-europa.shtml>

**recomendadas pra você**

|